

Jornalismo comunitário: uma análise dos webjornais das favelas do Rio de Janeiro¹

Darcianne GONÇALVES²

Marisla MENDES³

Luísa GUIMARÃES⁴

Instituto de Educação Superior de Brasília (Iesb), Brasília, DF

RESUMO

Tomando como objetivo principal o papel do jornalismo comunitário na sociedade, este artigo busca evidenciar as características e a importância do jornalista em noticiar a comunidade temas relevantes, que trazem assuntos atuais de interesse público. A partir desse contexto, analisaremos o avanço do jornalismo no que diz respeito à tecnologia. Com base nessa perspectiva, pudemos perceber que esse progresso não está ligado somente aos grandes veículos de comunicação, mas sim, aos pequenos webjornais comunitários, que buscam diariamente informar os leitores com credibilidade. Ao mostrar a relevante atribuição do jornalismo comunitário, a pesquisa permitiu ampliar as discussões e decidimos abordar, especificamente, os três principais webjornais das favelas do Rio de Janeiro: O Cidadão, Voz das Comunidades e Fala Roça.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo comunitário; jornais do Rio de Janeiro; webjornalismo.

1. Introdução

O papel do jornalista é defender os interesses da sociedade, informando o leitor com veracidade, imparcialidade e credibilidade. Com base nos princípios deontológicos e éticos, o fazer jornalismo ganha a confiança do público. Embora a maioria da população busque se informar por meio de grandes veículos de massa, há ainda uma parcela de profissionais da comunicação que se dedicam diariamente aos noticiários de bairro. (GRADIM, 2001).

Intitulado como jornalismo comunitário, esse método não foge dos padrões jornalísticos (apuração, entrevistas e redação) mas abrange algo a mais. A proximidade

¹ Trabalho apresentado na IJ 1 – Jornalismo do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 22 a 24 de maio de 2019.

² Estudantes de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo do Iesb, e-mail: darciannydiogo@gmail.com e marislaamm@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo do Iesb, e-mail: luisaglima@hotmail.com

com os cidadãos é o que o difere das mídias tradicionais. Capaz de trazer a notícia que muitas das vezes são pautadas pela própria população, o jornalismo de bairro aborda temas diretamente ligados aquele local. Seja assuntos como asfaltamento, atraso de entrega de obras, construção de escolas, atividades culturais, inauguração de um posto de saúde ou uma comemoração na cidade. Assim como um grande veículo, o jornalista que faz esse papel deve analisar o que é relevante, apresentar o problema e solucioná-lo no texto.

Neste presente artigo, buscamos analisar os três principais webjornais que são veiculados nas favelas do Rio de Janeiro: O Cidadão, Voz das Comunidades e Fala Roça. O estudo feito por meio do método de análise de conteúdo, permitiu identificarmos a relevância e valores-notícias das matérias publicadas. Para Cecília Peruzzo (1998), um veículo comunitário é constituído por algumas características como: não ter fins lucrativos, propagar noticiários de interesse da comunidade, no qual deve retratar sobre problemas locais, ter gestão coletiva, valorizar a cultura local, ter compromisso com a cidadania e democratização da comunicação.

A primeira etapa da pesquisa foi a produção da pesquisa bibliográfica, no qual o objetivo é localizar vertentes teóricas que dão apoio aos procedimentos metodológicos. A pesquisa bibliográfica, entretanto, pressupõem-se ao conjunto de procedimentos de identificação, seleção, localização e separação de conteúdo para a realização dos conceitos metodológicos.

A partir da classificação consagrada por Anabela Gradim (2001) sobre o papel do profissional jornalista, decidimos priorizar a importância da notícia a comunidade, além da utilização do código de ética e deontológico para o exercício da profissão. Com a finalidade de especificar mais o tema, decidimos então abordar os motivos pelo qual levaram ao surgimento do jornalismo comunitário. Segundo Cicilia Peruzzo (1998) foi graças as reflexões que os movimentos sociais, coletivos e populares traziam, que começou-se a necessitar de mais representação dos direitos sociais.

Em conformidade com o avanço da tecnologia, os jornais tem se reinventado. A finalidade é garantir maior proximidade com o leitor. É o tempo do impresso dá lugar aos portais virtuais e como o jornalismo de bairro não pode ficar para trás e nem morrer, ele acompanha essa constante mudança. (CANAVILHAS, 2014). Com o objetivo de interligar os assuntos: tecnologia e jornalismo comunitário, nos baseamos pelo estudo de

Suzana Barbosa (2007), no qual ela aborda a evolução dos veículos de comunicação e a facilidade de interagir com o público em um mundo cibernético.

A pesquisa é uma tentativa de contribuir para uma reflexão crítica sobre os meios de comunicação utilizados nas favelas do Rio de Janeiro. Ao longo dessa análise, nos dispusemos à entender o que de fato é noticiado nos jornais comunitários e identificar quais são os assuntos pertinentes para a comunidade. Buscou-se retratar como a internet pode auxiliar na distribuição de conteúdo informativos de maior interesse do público-alvo dos jornais comunitários.

Temos a compreensão da importância das matérias publicadas pela grande imprensa, justamente por oferecer um leque de pautas, diferentemente dos jornais de bairro, que se concentram em abordar notícias sobre segurança, serviços, obras, eventos, saúde e utilidade pública.

2. O jornalismo comunitário na discussão de questões locais e conscientização da população

O início da história do jornalismo no Brasil é marcada em 1808, com a chegada do príncipe regente, d. João. Embora cidades do México, Lima e Nova Inglaterra já tivessem introduzido a impressão, o Brasil estava atrasado na implementação dessa ferramenta. Um dos motivos foi o retardo na chegada de instrumentos utilizados para a impressão tipográfica, que dependeu da Corte portuguesa. De acordo com Richard Romancini (2007), questões como analfabetismo, ausência de urbanização, precariedade da burocracia estatal, reflexo da censura e pouca desenvoltura nas atividades comerciais e industriais, foram algumas das razões do impasse para a efetivação da imprensa no Brasil.

A existência de um público letrado e interessado em consumir notícias periódicas, a implantação de uma técnica, no caso, a tipografia - capaz de satisfazer, num âmbito maior do que o da comunicação oral ou manuscrita, esse interesse e a constituição de veículos para transmitir as informações são pré-requisitos da atividade jornalística em sentido estrito. (ROMANCINI, 2007, p.15).

O papel do jornalismo, acima de tudo, é informar o leitor, com veracidade, imparcialidade e credibilidade, evitando a prevalência de assuntos de interesse partidários e forjações. Segundo Anabela Gradim (2001) cabe ao jornal divulgar os fatos atuais, que despertem o interesse público. Embora o jornal desenvolva seu papel enquanto veículo de comunicação de massa, para a notícia alcançar o público a fim de satisfazê-lo, é

necessário que o repórter haja de maneira correta, usando o uso da ética. Para isso, não é exigido que o jornalista conheça o mundo inteiro ou saiba de tudo. Basta que o profissional siga os princípios deontológicos e o código de ética para o exercício da atividade.

A falta de uma entidade representativa para sanar problemas que ocorrem dentro de uma sociedade leva um encargo maior ao papel do jornalista. A imprensa intitulada como “guardiã da sociedade” tem por finalidade identificar problemas de interesse da comunidade - lixos em locais indevidos, assaltos, pistas esburacadas ou falta de vagas em creches e escolas públicas - apurar e noticiar. Com esta participação de mídia e cidadão há uma força maior em levar estes impasses para órgãos governamentais. É com este objetivo que o jornalismo comunitário surge com o conceito de jornal de bairro, no qual tem uma forte representação social e aborda temas que interessam a própria comunidade.

Portanto, para compreendermos de fato a importância do jornalismo comunitário, é importante destacar alguns movimentos reivindicatórios e libertários. No Brasil, o Quilombo dos Palmares (1690-1695), o Movimento da Cabanagem (1831-1840) e a Greve de 1917 foram fatos que auxiliaram na transformação e na participação mais ativa da sociedade.

Cicilia Peruzzo (1998) explica que os movimentos sociais, coletivos, populares ou urbanos tem papel importante de proporcionar uma reflexão sobre a diversidade e heterogeneidade na sociedade. Ela cita sete tipos de reivindicações, que são: bens de consumo coletivo, questões de terra, condições gerais de vida, desigualdade cultural, questão trabalhista, defesa dos direitos humanos e problemas específicos. A partir de movimentos, mobilizações e participação popular, surge a necessidade citada anteriormente: a representatividade na discussão de questões locais.

Um grande marco importante para o Brasil, no que diz respeito à comunicação popular, foi a criação das rádios comunitárias. Em 1970 foi institucionalizada a rádio livre comunitária no país. Na época houve um grande debate sobre esse meio de comunicação, que era reprimido facilmente. De acordo com as autoridades da época, as rádios eram invasoras e perversas. Apesar da repressão, as rádios conseguiram a aprovação para sua propagação, por meio de uma reivindicação dos movimentos de rádio.

Para Peruzzo (1998), uma rádio comunitária além de noticiar, não deve ter fins lucrativos, ou seja, todo lucro que receber, investir na própria rádio, propagar noticiários de interesse da comunidade, no qual deve retratar sobre problemas locais, ter gestão

coletiva, valorizar a cultura local, ter compromisso com a cidadania e democratização da comunicação.

Uma das características do jornalismo de bairro é a proximidade com a comunidade. Geralmente, as notícias que são veiculadas são pautadas pela própria população, no qual estão interessadas em saber sobre assuntos como asfaltamento, construção de escolas, problemas de segurança, política local ou atrativos culturais. Cabe ao jornalista comunitário identificar as necessidades dos moradores e explorá-las, pois, assim como em textos dos veículos de comunicação tradicional, o jornal comunitário deve apresentar e solucionar o problema na reportagem. (PERUZZO, 1998).

A medida em que a tecnologia avança, os meios de comunicação se atrelam a essa novidade e acompanham as mudanças. O que no início era feito por intermédio das televisões e rádios comunitárias, hoje, em um simples clique no celular, pode-se obter todo tipo de informação. Não é diferente para os veículos de mídia alternativa. Embora apenas 116 milhões de pessoas no Brasil estejam conectadas à internet, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad C, 2018), este meio passou a ser hoje, a principal forma da busca por informação.

O mundo cibernético exige cada vez mais que veículos de comunicação, sejam eles pequenos ou grandes, se atualizem e optem pelo desenvolvimento dos portais. Os jornais impressos, por exemplo, que não acompanharem a evolução tecnológica, podem ficar para trás. Para Suzana Barbosa (2007), a tecnologia é um fator preponderante no aprimoramento dos procedimentos da produção jornalística, do trabalho dos profissionais, da oferta informativa, dos modelos dos produtos e dos formatos dos conteúdos.

O jornalismo comunitário não ficou para trás. O poder de aproximação entre pessoas das redes virtuais facilita o papel do jornalista de bairro. Com a criação de sites locais, a comunidade tem acesso fácil a uma série de informações, que podem ser obtidas a qualquer momento e em qualquer local. (BARBOSA, 2007).

A comunicação social vem ao longo dos tempos passando por mudanças que marcam a história do jornalismo, que tem o compromisso de passar as informações à sociedade. Cada vez mais as informações são adaptadas aos seus respectivos meios. A estrutura da linguagem jornalística busca sempre estar integrando o cidadão para que tenha acesso a informação. A nova era digital, que está ainda mais forte nos últimos anos, trouxe aos jornalistas novas possibilidades ao se fazer notícia e desafios.

Se no caso da imprensa escrita a aplicação da técnica pirâmide invertida já é passível de contestação, no caso do webjornalismo a situação agrava-se. Por um lado, porque na Web não há limitações espaciais para a informação a disponibilizar. O jornalista não é confrontado com a necessidade de cortar informação, podendo manter tudo aquilo que considera essencial para o leitor perceber a mensagem. Por outro lado, a heterogeneidade própria de um público global é de tal ordem que a organização dos factos por ordem de importância esbarra na diversidade de interesses característicos de uma audiência global (CANAVILHAS, 2014, p.9)

O jornalismo dos dias atuais não é mais o mesmo. Com relevantes características, é possível perceber que a nova forma a qual as pessoas têm feito utilização em consumir notícias está em análise, que é relacionado ao fenômeno internet. Com base nos estudos de Thiara Luiza da Rocha Reges (2010), estabelecer um padrão de produção para a Internet pode representar tanto uma tentativa de fortalecer grandes monopólios da comunicação, com maior poder de investimentos financeiros. Além disso pode-se notar que a era digital tem sido uma ferramenta que possibilita mais liberdade e a criatividade.

Ainda segundo João Canavilhas, existem características que marcam a diferença do webjornal e os outros meios. Como a hipertextualidade, os links que tanto vemos hoje em dia. Dentro de um texto podemos obter mais informações de forma mais organizada, suave e que não pesa para o leitor.

A preocupação em deixar os textos mais chamativos e manter a atenção do leitor é um fator importante assim como qualquer outra forma de jornalismo. A organização e a junção das informações são um fator que contribui ainda mais para a internet contribuir com a ferramenta do webjornal.

Um elemento que também é visto neste modo de comunicação é a interação. O webjornalismo participativo, que possibilita a aproximação, como anteriores citações de Cecília Peruzzo (1998) sobre mobilização e participação popular que contribui com o compromisso e a representatividade.

Os estudos de Alex Fernando Teixeira e Primo e Marcelo Träsel (2006), propõem uma reflexão de que o papel principal do webjornalismo participativo é cobrir o vácuo deixado pela mídia tradicional, no qual o receptor pode de forma mais direta participar caso haja espaços para ele na plataforma, quando há, por exemplo, enquetes e espaços onde o mesmo pode deixar sua opinião.

Segundo eles, ainda no webjornalismo participativo, o interagente é integrado ao processo de produção da notícia como nunca foi antes na história da comunicação. Alguns sites noticiosos, sejam de jornalismo comunitário ou de grandes sites noticiosos, podem depender totalmente da intervenção dos internautas. A participação deles sustenta e dá significado ao que realmente o webjornalismo nos trouxe, interação real entre meio que é a mensagem e receptor.

3. Análise dos resultados

O termo análise de conteúdo é fundamentalmente referenciar aos resultados coletados nos Estados Unidos, o que marcou o desenvolvimento no que trata sobre análise de comunicação, desenvolveu-se por cerca de quarenta anos. Desde então, o modo de se analisar, de como é passada a mensagem e de como será interpretada cada passo a ser vista com mais atenção.

Segundo Bardin (1997) p.14: “Antes de analisar as comunicações segundo as técnicas modernas do século vinte tornadas operacionais pelas ciências humanas, os textos já eram abordados de diversas formas. A hermenêutica, a arte de interpretar os textos sagrados ou misteriosos é uma prática muito antiga”

A metodologia análise de conteúdo, resulta de forma quantitativa e qualitativa a pesquisa. Diferenciar esse ponto é fundamental para que as informações sejam precisas, novas técnicas de apuração são implementadas durante os anos a este método. Segundo Bardin, existem fases diferentes da análise de conteúdo, que são como primeira etapa a pré-análise, a exploração do material, em seguida o tratamento dos resultados, levar em consideração toda interpretação dos leitores.

Esse método consiste em técnicas de análise das comunicações com intenção de obter indicadores quantitativos ou qualitativos que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção ou recepção que podem ter várias conclusões das mensagens de acordo com a interpretação do leitor.

Toda análise tenta fundamentar impressões que podemos ter de determinada informação, por exemplo, de um webjornal comunitário e independente. Deste material saíra impressões do que a mensagem tenta passar. Analisar este conteúdo é entender a

linguística e a mensagem que está sendo passada. Analisando também qual a identidade do meio de comunicação.

3.1 Origem dos webjornais

Para desenvolvermos a análise, o primeiro passo foi determinar um período. Decidimos, então, examinar as matérias veiculadas nos meses de janeiro a junho deste ano dos webjornais: O Cidadão do Bairro Maré, A Voz das Comunidades e Fala Roça. Todos eles são webjornais comunitários e propagam notícias de interesse público, especificamente dos moradores dos bairros e favelas do estado do Rio de Janeiro. Mas antes de começarmos a análise, é importante voltarmos um pouco no tempo e saber a história de cada um deles.

O mais antigo é o jornal O Cidadão, que surgiu em 1999 pela ONG Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (Ceasm). De acordo com o portal mantido pelos responsáveis pela publicação, o objetivo foi apenas um: servir de instrumento de comunicação comunitária para todas as 16 favelas que formam o Conjunto de Favelas da Maré, na Zona Norte, fortalecendo a identidade local. Com edição impressa desde 2016, o jornal disponibiliza 10 mil exemplares, com 16 páginas coloridas e impressão gratuita, com periodicidade trimestral. No portal há mais de 60 publicações postadas ao longo dos 19 anos de prática.

O Cidadão promove debates sobre os direitos humanos nas favelas cariocas e nas universidades e produz oficinas e cursos de comunicação comunitária. A equipe é pequena e conta com pouco mais de seis pessoas, no qual atuam nas áreas de edição e revisão, mídias sociais, reportagem, fotografia e ilustração.

O Voz das Comunidades teve origem em 2005. Nesse período pouco eram abordados os problemas sociais que os moradores das favelas enfrentavam. A ideia de criar o site partiu de uma criança de 11 anos chamada Rene Silva, que se interessou por assuntos que ocorria na comunidade do Morro do Adeus, uma das 13 que formam o Conjunto de Favelas do Alemão.

Segundo o site, a motivação de Rene também veio logo após a participação por três meses de um jornal que já existia dentro da escola, criado por alunos do grêmio estudantil para relatar os fatos no ambiente escolar e propondo melhorias na qualidade de educação. Desde então, o jornal conta com uma equipe de mais de 20 profissionais: um editor-chefe; um chefe de redação; um chefe dos colunistas; 15 jornalistas; dois cinegrafistas; quatro fotógrafos; 16 colunistas; e 10 correspondentes.

O jornal Fala Roça, mais recente dentre os dois citados, teve origem em 2012 com o apoio da Agência de Redes para a Juventude. O veículo aborda assuntos sobre as favelas do Rio de Janeiro. Em maio de 2013, o Fala Roça teve sua primeira edição impressa lançada. Apesar da pouca periodicidade de notícias veiculadas, o jornal é entregue nas casas de moradores da Rocinha. A proposta do veículo é:

Apresentar uma visão da comunidade sobre ela mesma. Para isso, o jornal se propõe uma ferramenta colaborativa, que objetiva a participação de moradores da Rocinha na produção de conteúdo, frisando o contato com as novas gerações que têm grande interesse nessa participação por dominarem com bastante habilidade as ferramentas de comunicação contemporâneas. Se a herança nordestina na Rocinha e, mais amplamente, na cidade do Rio de Janeiro, é inegável, as gerações dos descendentes de migrantes nordestinos ou as gerações mais recentes dos que chegam mostram uma transformação na perspectiva de busca por oportunidades de estudo e trabalho na cidade. (Fala Roça, 2012).

3.2 Voz das Comunidades

Como falamos no início, escolhemos o período de janeiro a julho para analisar os três webjornais. Começaremos, então, pelo jornal Voz das Comunidades. O jornal é composto por sete abas, estruturado da seguinte forma: início (principais notícias); Voz das Comunidades (história, redação, editorial, na mídia e prêmios); notícias; colunas; Seja Voluntário: (espaço para os interessados em ser voluntários); ações sociais; e contato.

A categoria “notícias” abrange 10 editorias, cada uma com um nome de um bairro ou favela. A ideia é propagar as notícias específicas daquele local. São elas: Complexo do Alemão, Complexo da Maré, Complexo da Penha, Cidade de Deus, Vila Kennedy, Vintém, Cantagalo, Pavão-Pavãozinho, Santa Maria e Rocinha. Os conteúdos fazem uso de valores notícias como: relevância, imparcialidade e veracidade. As notícias oferecem um serviço para a comunidade e abordam assuntos culturais, policiais, educacionais e esportivos. Embora esses temas tenham bastante abrangência, outros, como economia e política, estão defasados.

Programações de cinema, agenda cultural, oficinas de arte, música e dança, e notícias de ações voluntárias preenchem praticamente toda a página. Em janeiro apenas seis matérias foram publicadas; em março, 16; abril, 21; maio, 27; e junho e julho, ambos

com 23. É notório o aumento da frequência de publicações. Geralmente, há espaço de um a quatro dias de disseminação entre uma matéria e outra.

O espaço “colunas” engloba nove editoriais: Artigo de Opinião, Cinema da BR, Papo Relíquia, Poesia nas Vieiras, Voz da Arte, Voz das Mulheres, Você Sabia? Empreendedores da Comunidade e Esporte. De caráter opinativo, o Artigo de Opinião e Voz das Mulheres serve como um ambiente de discussão de assuntos cotidianos, que diz respeito à sociedade. Só neste primeiro semestre, 31 artigos foram publicados. Depressão, genocídio, empoderamento feminino, relacionamento abusivo e importância de projetos sociais em favelas, são alguns dos temas abordados.

Já as categorias Poesia nas Vieiras, Voz da Arte, Papo Relíquia e Cinema da BR trazem temáticas culturais e servem como uma espécie de agenda, para alertar os leitores dos principais acontecimentos da região. O “Você Sabia?” é um “guia de curiosidades”, porém não teve nenhuma matéria publicada neste período. A última notícia postada foi 3 de novembro de 2017. A categoria Empreendedores da Comunidade teve apenas uma postagem, no qual fala sobre um programa de capacitação aos microempreendedores do Complexo do Alemão. A coluna de esportes é a segunda com maior periodicidade e tem nove publicações.

3.3 Fala Roça

O jornal Fala Roça dispõe de seis abas: home (manchetes); sobre (história do veículo); edições impressas; categorias (cotidiano, cultura, editorial, esporte, obras, saúde e serviços); mapa cultural da rocinha; e contato. Esse é o jornal com menor frequência, pois possui apenas uma matéria veiculada no período de janeiro a julho deste ano, postada em 31 de janeiro.

A notícia, então, conta uma história de um morador da Rocinha chamado Carlan Renato da Silva, 55 anos, que é apaixonado pela favela e distribui pelas ruas uma pulseira de borracha escrito “Eu amo a Rocinha.” O conteúdo foi veiculado na editoria Cotidiano.

O Fala Roça oferece na página as oito edições dos jornais impressos, que são distribuídos gratuitamente para os moradores. A última tiragem foi em agosto de 2016.

3.4 O Cidadão do Bairro Maré

Ao observar o jornal O Cidadão do Bairro Maré, logo identificamos o teor das matérias. Elas proporcionam, ao leitor, notícias com um olhar da realidade de quem

vivência a realidade do local, além de propiciar uma reflexão diante as experiências de um cenário de violência e resistência de pessoas que precisam batalhar para ter os direitos garantidos.

O portal contém uma aba com matérias sobre saúde, segurança, utilidade pública, obras, eventos e opinião. Entre os meses de janeiro a julho foram publicadas 21 matérias, sendo 10 da categoria geral, cinco de eventos, dois de opinião, duas de segurança e uma de utilidade pública. É notório que o veículo busca a contextualização dos fatos com uma preocupação em trazer fatos que despertem o interesse público.

O início do ano, especificamente no mês de março, ficou marcado pela morte de Marielle Franco, vereadora do Rio de Janeiro. Assim como muitos veículos de comunicação, O jornal *O Cidadão* elaborou uma matéria relatando o fato e esclarecendo algumas dúvidas sobre a morte da vereadora. A notícia e a posição no qual o conteúdo é passado, é como uma forma de alertar a população das comunidades do Rio.

O acontecimento é contado pela jornalista com muita emoção e delicadeza nos detalhes, já que ela acompanhou o velório. A matéria publicada no dia 22 de março descreve momentos de tristeza como tentativa de sensibilizar pessoas de todo Brasil e do mundo. A autora ainda retrata o sentimento de perda de uma mulher que se tornara um símbolo de luta das mulheres em todo país. Fotos, homenagens, frases de luta e tags como “Marielle presente” acompanham a postagem

A autora da matéria do jornal, ainda ressalta como as pessoas estão cansadas de relatos jornalísticos frios com um assunto. É citado também a importância em descobrir o assassino. Sem dúvida, a morte da vereadora foi um assunto muito comentado nos últimos meses.

Outras matérias como o ‘aulão’ do curso pré-vestibular sobre ditadura militar são relevantes ao jornal. A reportagem retrata e tem como objetivo dar uma visão à população local sobre os tempos de intervenção militar. São contextualizados acontecimentos políticos os quais levaram à ditadura, dando ênfase às favelas das épocas, que eram alvos constantes das ações arbitrárias do exército, como toques de recolher.

A matéria ainda propõe a leitura por meio da história e arte, retratando apresentações teatrais do cia bUsina, encenando espetáculos que trata da história do samba e que aborda a violência contra os negros e pobres.

Divulgar homenagens de pessoas com histórias marcantes na Maré é outra preocupação do jornal, como foi o caso do adolescente Marcus Vinícius, 14 anos. Nesta

matéria, o autor relata as violências que Marcus viveu na infância. A descrição da morte de uma criança vestida com o uniforme da escola manchado passa a tristeza que os moradores sentem necessidade de expressar o cenário de violência na favela. Como forma de denúncia da violência que presencia em seu bairro, o autor ressalta que, diferentemente do que os “meios tradicionais de comunicação” contam, o estigma violento não é dos que vivem a dor da perda de um familiar, mas, sim, do estado, que, segundo ele, provoca essa dor.

Por inúmeras vezes, podemos observar o papel do jornalista sensibilizado com a notícia que ele mesmo escreve. No caso da história do adolescente Marcus, o autor se coloca no lugar de quem sentiu a dor, de modo que revive o momento com o pensamento de um garoto daquela idade, suas preocupações, sonhos, lembrando dos passos até a escola naquela manhã com a mãe do lado, os momentos de aflição, o medo do helicóptero, o carro blindado e a dor que Marcus sentiu.

Por fim, a matéria alerta que a morte de uma criança marcada com tamanha violência, principalmente por estar indo à escola, é um atentado a todos da comunidade. Além disso, fortalece a importância de campanhas como “caveirão não!” para a sobrevivência de todos.

4. Considerações Finais

O jornalismo comunitário traz mais uma opção como forma de expressão nas comunidades do Rio de Janeiro. Com o webjornalismo, os jornalistas tentam se reinventar e buscam atingir o máximo de pessoas para saber o que realmente acontece de suas comunidades é um dos objetivos. O presente artigo abordou o jornalismo comunitário como via digital dos jornais: O Cidadão, Voz das Comunidades e Fala Roça, e o modo como é feito o uso das mídias como fonte de notícias online para moradores de favelas do Rio de Janeiro. A proposta foi mostrar a diferença que existe nessa opção de se manter informado. É válido observar no webjornalismo a força que esse modo de fazer notícia tem ganhado, assim como a participação dos cidadãos. Tratar o que eles vivenciam vai além do que somente se manter informado, mas saber como são realmente “os bastidores” dos acontecimentos nesses locais. Percebemos que o jornalismo comunitário tem intenção de trazer reflexões e debates para toda a sociedade. Acontecimentos como os das favelas do Rio de Janeiro podem fazer com que o cidadão entenda que assuntos como violência ainda precisam da devida atenção. Acreditamos que o espaço é amplo e que pode sempre

somar com o jornalismo tradicional, com a ética e o compromisso com a sociedade. Tal como existem as dificuldades, que todo trabalho pode encontrar, por se tratar também de uma plataforma digital levando em consideração a inferência do leitor.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Suzana. **Jornalismo Digital de Terceira Geração**. Covilhã: Livros LabCom, 2007.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Portugal: Almedina, 1997.

CANAVILHAS, João. **Webjornalismo 7 características que marcam a diferença**. Covilhã: Livros LabCom, 2014.

GRADIM, Anabela. **Manual de Jornalismo, in col. Estudos em Comunicação**. Covilhã: [s. n.], 2014.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker, 2002.

PERUZZO, Maria Cicília K. **Comunicação nos movimentos populares**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

PRIMO, Alex; TRASEL, Marcelo. **Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias**. Rio Grande do Sul, p. 1-19, 25 abr. 2019.

REGES, Thiara. **Características e gerações do Webjornalismo: análise dos aspectos tecnológicos, editoriais e funcionais**. 2010. Trabalho de conclusão de curso (Jornalismo) - Bacharel em jornalismo, Bahia, 2010.

ROMANCINE, Richard; LAGO, Cláudia. **História do Jornalismo no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2007.

